

## A APROPRIAÇÃO DA RUA APREENDIDA PELO “ESPAÇO VIVIDO”

### **Incursões entre a Belo Horizonte contemporânea e os blocos de carnaval de rua**

Paola Lisboa Codo Dias – Escola de Arquitetura/UFMG  
paolacodo@yahoo.com.br

#### **Introdução**

Fui descobrindo que havia muitas diferenças dentro do que, simplisticamente, designava por um só nome. Era como se estivesse ajustando o foco de uma câmera e começando a distinguir detalhes no que, visto à distância, podia ser descrito com o recurso a uma só cor, a uma só forma e a uma só textura. [...]

De observador de padrões e arranjos dos espaços públicos e privados e de candidato a interventor nas suas formas de produção e de consumo, fui me transmutando em observador de inter-relações sociais e das redes de significados.

(Carlos Nelson Ferreira dos Santos, In: Velho, 1980, p. 42.)

Em 1980, Carlos Nelson Ferreira dos Santos publica o artigo intitulado “Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?”, no qual o autor analisa a sua jornada pessoal e profissional desde os tempos da Faculdade Nacional de Arquitetura onde se formou em 1966, passando por sua importante participação na equipe técnica que promoveu a urbanização da favela Brás de Pina no Rio de Janeiro entre 1965 e 1971 – primeira experiência de urbanização de favela na América Latina (França, 2013) –, até sua decisão de cursar uma pós-graduação em Antropologia Social no Museu Nacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No Museu Nacional, Santos obteve seu título de mestre em 1979 e sua dissertação, denominada “Três Movimentos Sociais Urbanos no Rio de Janeiro”, tinha como objetivo construir uma teoria sobre movimentos sociais urbanos tomando como base uma pesquisa etnográfica realizada pelo autor em três localidades na cidade do Rio de Janeiro (Sant’Anna, 2014). Logo depois, Santos retorna à sua área de formação e doutora-se, em 1984, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, com a tese “Formações Metropolitanas no Brasil” (Enciclopédia Itaú Cultural, [20-?]).

Ademais, Santos (1985 [1981]) coordenou uma pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Urbanas do Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM – que deu origem ao livro “Quando a rua vira casa”, publicado em 1981. O objetivo do livro era analisar a apropriação dos espaços urbanos de uso coletivo quando voltados para o lazer, sob uma perspectiva interdisciplinar, aliando o conhecimento arquitetônico e urbanístico à abordagem peculiar da antropologia social, a partir da comparação de um centro de bairro tradicional e uma área nova inteiramente planejada de acordo com os parâmetros e concepções modernoracionalistas. O objetivo da pesquisa comparativa entre a apropriação dos espaços coletivos

era avaliar os pressupostos e as proposições das políticas de inspiração racionalista no planejamento urbano.

Considerando sua trajetória de dupla formação, Santos (In: Velho, 1980, p. 37-57) definiu-se como “antropoteto”, uma mistura de antropólogo e arquiteto. Ele argumenta que sua busca por uma pós-graduação em Antropologia foi decorrente de sua decisão de ampliar as perspectivas de pensamento, de métodos de crítica e de análise. Contudo, ele não deixou de enfatizar, em seu depoimento, seus questionamentos em relação à sua prática profissional, tanto de arquiteto e urbanista quanto de antropólogo, além de criticar a situação do ensino de Arquitetura no Brasil na década de 1960, considerando que o mesmo estava dominado por discussões contraditórias. Para ele, às vezes, os discursos utilizavam as mais revolucionárias palavras para encobrir o velho conteúdo conservador e reacionário de sempre. O autor afirmava que havia um consenso sobre a necessidade de se implantarem mudanças no país, de serem construídos novos pactos e novas maneiras de agir. Entretanto, questionava que a categoria da Realidade, tão invocada na época como aquilo que havia de mais verdadeiro, estrutural e material, só era tratada de maneira retórica, evitando comparações dialéticas com qualquer coisa que pudesse emergir das situações concretas, já que havia um receio de contaminar as idealizações acadêmicas sobre o real.

Fui ficando com muita consciência crítica a respeito da minha profissão [arquiteto e urbanista] e do meu grupo profissional. Para agir como arquiteto sobre os meios urbanos brasileiros era urgente conhecê-los melhor. Era preciso descobrir formas de lê-los estruturalmente, que permitissem entendê-los como todos e, ao mesmo tempo, dar conta de um sem-número de particularidades das quais não se podia fazer tábula rasa sob pena de perder o essencial, aquilo que, de fato, fazia o “sistema funcionar de verdade”. Buscar novos métodos rastreadores das coerências e contradições entre as formas das cidades e de seus elementos físicos conformadores e as relações sociais neles contidas. (Santos, In: Velho, 1980, p. 43-44)

Mais de 30 anos depois, algumas questões que Carlos Nelson aponta como desafios para o arquiteto e urbanista ainda se fazem presentes<sup>1</sup>, como a manutenção de certa distância do ensino e da prática profissional em relação às práticas sociais, às redes de símbolos e significados e às especificidades e arranjos locais. Contudo, os avanços ocorreram e, se antes era necessário recorrer a um curso de pós-graduação em Antropologia ou nas Ciências Sociais, de maneira geral, para estudar essas relações sociais, hoje já é possível propor e realizar pesquisas que abordem temas sócio-espaciais em programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Ainda assim, existem resistências e dúvidas sobre

---

<sup>1</sup> Cf. Abrahão, 2008.

quais devem ser os temas sociais passíveis de tornarem-se objeto de pesquisa no campo de conhecimento da arquitetura e do urbanismo, principalmente, se esses estão ligados a práticas culturais e religiosas, mesmo quando têm forte ligação com a questão espacial, como as festas populares e religiosas que ocorrem em várias cidades brasileiras desde os tempos de colônia, não só sendo moldadas pelo espaço como também moldando o próprio espaço apropriado ao longo do tempo – por exemplo, as procissões da Semana Santa em Ouro Preto/MG, o Círio de Nazaré em Belém/PA, o Bumba-meu-boi em São Luís/MA, as festas juninas, principalmente, no Nordeste, Caruaru/PE e Campina Grande/PA, além do internacionalmente conhecido carnaval que ocorre em todo o Brasil, com destaque para as cidades do Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA, Recife/PE, Olinda/PE, Porto Alegre/RS, São Luís/MA, Ouro Preto/MG e Diamantina/MG.

Assim, vislumbrando nas festas populares a potencialidade de trazer à tona discussões e pontos de vista originais sobre as categorias *espaço*, *urbano* e *cidade*, esse artigo propõe como objeto de análise a *apropriação* da rua da metrópole belorizontina pelos blocos de carnaval na contemporaneidade, enfatizando as associações carnavalescas que surgiram a partir de 2009. Esse recorte em relação aos blocos de rua foi escolhido em decorrência de possuírem características semelhantes como terem se formado a partir de grupos sociais de classe média altamente escolarizados, por terem se originado de um mesmo movimento não-institucionalizado de retomada do carnaval de rua em Belo Horizonte e por levantarem bandeiras políticas ligadas a reivindicações espaciais na cidade, como, por exemplo, os espaços públicos, os movimentos populares por moradia, os espaços de produção de cultura e o transporte público, atributos que se repercutem não apenas durante o feriado carnavalesco mas em outros períodos do ano e outras esferas da vida cotidiana na cidade contemporânea.

### ***A apropriação da rua apreendida através do “espaço vivido” de Lefebvre***

Essa investigação propõe como objeto de pesquisa a *apropriação* do espaço da rua pelos blocos de carnaval no município de Belo Horizonte, principalmente, entre os anos de 2009 e 2014. Isso posto, deve-se destacar que o propósito não é analisar o espaço propriamente dito, mas sua *apropriação*, entendendo-a como uma *prática sócio-espacial* empreendida pelo indivíduo ou grupos sociais em toda sua potencialidade humana que, ao longo da história, transforma a natureza no sentido amplo, isto é, considerada não somente em

seus aspectos geofísicos e de vida biológica, mas incluindo também as sociedades, os espaços objetivos e subjetivos, além do próprio tempo.

A hipótese desse estudo postula que o conhecimento acerca das relações e práticas sociais, políticas e mesmo culturais e simbólicas dos grupos humanos que se reproduzem no espaço e produzem o próprio espaço é de fundamental importância para basear as intervenções de caráter espacial – tanto em termos de projeto arquitetônico e desenho urbano quanto em legislação, planos e demais instrumentos de política pública – que buscam, pelo menos no âmbito do discurso, trazer maior justiça social e espaços menos segregados. Apesar da produção desse conhecimento não garantir a adoção de políticas públicas de cunho transformador, a ignorância em relação a essa dimensão da realidade social ratifica, quando não agrava, situações de exclusão sócio-espacial, além de diminuir ou mesmo eliminar *práticas sócio-espaciais insurgentes* – consideradas como aquelas práticas que tem por objetivo a ação social politicamente orientada para transformação da realidade (Souza, 2013, p. 250).

Figura 1 – *Apropriação* da Praça da Estação, em Belo Horizonte, pelo bloco de carnaval de rua “Praia da Estação”.



Fonte: Bernardo, 2013a.

Portanto, o objetivo principal dessa pesquisa é ensaiar uma perspectiva de investigação que seja capaz de apreender as dimensões mais intangíveis do espaço social e de

suas práticas, como aquelas resultantes dos simbolismos, imaginários e utopias sociais, buscando ir além da atual abordagem hegemônica nas ciências parcelares dedicadas ao espaço cujos estudos priorizam seus aspectos *prático-sensíveis* e suas formas de produção material. Para tanto, propõe-se apreender o espaço social a partir do “espaço *vivido*”, das *práticas sócio-espaciais* de caráter simbólico e imagético, enfatizando os usos e os valores de usos dos agentes sociais dominados, como os habitantes e os usuários.

Figura 2 – *Apropriação* da avenida em frente ao edifício da Prefeitura Municipal, em Belo Horizonte, pelo bloco de carnaval de rua “Praia da Estação”.



Fonte: Rajão, 2013.

O “espaço *vivido*” refere-se ao conceito desenvolvido por Lefebvre (2006 [1974]) em sua teoria da *produção do espaço*. Para esse autor, o objetivo da teoria social não é entender o espaço como um dado *a priori*, mas é compreender no espaço o desenvolvimento de uma atividade social, distinguindo o espaço geométrico e mental do espaço social. Assim, o autor procura enfatizar o caráter dialético do espaço, em detrimento dos aspectos rigorosamente formais. Portanto, a análise do espaço (social) deve se concentrar no seu processo de produção, pois toda sociedade (e seu modo de produção) produz o seu espaço (Lefebvre, 2008a [1972], p. 55). Todavia, trata-se de da produção no sentido amplo: englobando a produção e a re-produção dos meios de produção e das relações sociais de produção, mas também das próprias relações sociais. “É nesse sentido que o espaço inteiro

torna-se o lugar dessa reprodução, aí incluídos o espaço urbano, os espaços de lazeres, os espaços ditos educativos, os da cotidianidade, etc.” (Lefebvre, 2008a [1972], p. 49).

Figura 3 – *Apropriação* das ruas de terra na ocupação “Rosa Leão”, em Belo Horizonte, pelo bloco de carnaval de rua “Filhos de Tcha Tcha”.



Fonte: Jorge, 2014.

Nesse sentido, o projeto de Lefebvre (2006 [1974], p. 30-33) foi engendrar uma “teoria unitária” a partir dos diferentes “campos” do conhecimento: (i) o *físico* – a natureza, o cosmos, o prático-sensível; (ii) o *mental* – a lógica e a abstração; e (iii) o *social* – o imaginário, os símbolos, as projeções, as utopias (Lefebvre, 2006 [1974], p. 30-31 e 51). Para alcançar tal objetivo, ele inverte a tendência dominante de teorizar sobre o *espaço per se* ou sobre o(s) *produto(s) no espaço* (enumerações, descrições, classificações) para a teorização da *produção do espaço*. A tese lefebvriana argumenta que a produção do espaço ocorre a partir da interação dialética entre três dimensões: (i) *prática espacial* ou espaço *percebido*; (ii) *representações do espaço* ou espaço *concebido*; e (iii) *espaços de representação* ou espaço *vivido*, cujas as aproximações conceituais são expostas a seguir (Lefebvre, 2006 [1974], p. 58-59 e 65-66):

(i) *prática espacial*: engloba as relações de produção e de reprodução, os lugares e conjuntos espaciais próprios relativos a cada formação social. É através dessa prática que a

sociedade produz seu espaço e, por outro lado, é modificada por ele, numa interação dialética, transformando-o não apenas no sentido da apropriação, mas também no da dominação. No contexto do neocapitalismo<sup>2</sup>, a *prática espacial* associa, no espaço *percebido*, a realidade cotidiana – o emprego do tempo – e a realidade urbana – os lugares de habitação, trabalho, dos lazeres, etc. e os percursos e redes que os conectam;

(ii) *representações do espaço*: ligada às relações de produção e à sua imposição de “ordem”, portanto, às relações “frontais” e de dominação. Utiliza-se dos conhecimentos, dos signos e códigos, ou seja, é o espaço *concebido* dos cientistas, planejadores, urbanistas, tecnocratas e de alguns artistas próximos da cientificidade. As concepções do espaço tendem, com alguma reserva, para um sistema de signos verbais elaborados intelectualmente;

(iii) *espaços de representação*: é o espaço dominado cujos agentes sociais tentam modificar e apropriar através da imaginação. É ligado ao clandestino e ao subterrâneo da vida social, possuindo simbolismos complexos que tendem, também como alguma reserva, para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não-verbais. Conectado também à arte, definida não como um código ou uma *representação do espaço*, mas sim como um código dos *espaços de representação*. Portanto, é o *espaço vivido* através de imagens e símbolos que acompanham esse espaço, é aquele dos habitantes, dos usuários – compreendendo esse termo como aquele que usufrui do espaço no âmbito de seu uso e do seu valor de uso, desconsiderando a sua aceção corrente atual de um beneficiário de um produto ou serviço cuja ênfase é dada ao valor de troca – e de certos artistas e filósofos.

Logo, a relação dialética estabelecida na realidade para a *produção do espaço* é engendradora por uma triplicidade. E é a partir dessa tríade espacial – *espaços percebido-concebido-vivido* – que Lefebvre propôs levar adiante o “esforço titânico” de Hegel e Marx para a superação, não sem grandes dificuldades, na filosofia das relações binárias, pois considera que uma análise entre dois termos, estabelece-se, de maneira redutora, apenas por oposição e contraste (Lefebvre, 2006 [1974], p. 65-67).

---

<sup>2</sup> Nos termos de Lefebvre (2008a, p. 46), a “sociedade em ato” no modo de produção atual corresponde à “sociedade neocapitalista” ou “sociedade burocrática de consumo dirigido”. Ainda, o autor se refere ao período atual como “neocapitalismo” ou “capitalismo de organizações” (Lefebvre, 2006 [1974], p. 64). Contudo, deve-se atentar para o fato de que o “atual”, nesse caso, refere-se às décadas de 1960 a 1970, período no qual ele escreveu suas principais obras concernentes à problemática do espaço.

Figura 4 – *Apropriação* da passarela de pedestre que cruza a linha férrea, em Belo Horizonte, pelo bloco de carnaval de rua “Tico Tico Serra Copo”.



Fonte: Leite, 2012.

A problemática<sup>3</sup> dos desejos humanos também está presente na teoria da *produção do espaço*, já que para Lefebvre (2006 [1974], p. 233-234), o espaço do gozo é o espaço verdadeiramente *apropriado*. Assim, um *projeto* atual, utópico ou realista, que se pretenda mais do que a mediocridade, integra a ideia de reapropriação do espaço e essa, por sua vez, está ligada à reapropriação do corpo. Logo, antes de produzir o espaço, de produzir e reproduzir-se no espaço, cada corpo vivo é um espaço e tem seu próprio espaço (Lefebvre, 2006 [1974], p. 238). Nesse sentido, os indicativos do espaço e seus lugares fundamentais são inicialmente *qualificados* pelo corpo que, através de seu uso, determina esses indicativos em função daquilo que o favorece ou o ameaça. O *vivido* já possui uma racionalidade interior, ele produz a explosão, a imagem e a orientação do corpo, bem antes do espaço pensado e do espaço representado (Lefebvre, 2006 [1974], p. 242-243).

“A vida se reproduz no que faz o uso do espaço, em seu *vivido*” (Lefebvre, 2006 [1974], p. 196), desse modo, alcança-se toda a potência do conceito de espaço quando ele é religado a uma *prática social*, simultaneamente, espacial e significante. Desse modo, o espaço reúne (i) a produção material de bens e necessidades, (ii) o processo produtivo considerado de maneira mais ampla, englobando a ciência e os conhecimentos acumulados; e (iii) processo

<sup>3</sup> Lefebvre (2006 [1974], p. 132) esclarece brevemente que, no vocabulário dos filósofos, a acepção atribuída à palavra *problemática* corresponde a um conjunto de questões de mesma natureza.



criador livre, significante, de obras de sentido e de gozo, que surge no momento em que cessa o trabalho ditado pelas necessidades cegas e imediatas. Todavia, isso não significa que o espaço *vivido* pode ser isolado e estudado separadamente das outras duas dimensões de *produção do espaço*, o espaço *percebido* e espaço *concebido*, pelo contrário, a ideia é, a partir da dimensão do *vivido*, analisar dialeticamente essa tríade.

### **A apropriação simbólica da rua e da cidade como um fato social**

Delineamento melhor os contornos do objeto, o que está sendo exposto à análise é a *apropriação* temporária e simbólica do espaço da rua pelos blocos de carnaval na metrópole belorizontina, em um contexto contemporâneo que compreende, predominantemente, os anos entre 2009 e 2014. Sobre isso é importante esclarecer que Lefebvre<sup>4</sup> (1966 apud Schmid, 2012, p. 98) utiliza o conceito de símbolo para se referir à ambígua e complexa atribuição de sentidos, emoções e significados dos homens sobre os aspectos objetivos da realidade. Assim, essa pesquisa não busca compreender a questão simbólica e cultural da sociedade como um estudo da percepção, subjetividade ou irracionalidade dos indivíduos, mas trabalha conceitualmente esses aspectos como fatos sociais gerados por grupos sociais em sua atividade de se *apropriar* do espaço.

A *apropriação* do espaço pode ser analisada em diversos momentos da vida cotidiana, contudo optou-se pela temporalidade dos blocos de carnaval de rua, em uma grande cidade contemporânea, por considerar que esse período efêmero e não-produtivo da festa privilegia o caráter simbólico e *vivido* dessa prática sócio-espacial, destacando as dimensões do espaço social que essa pesquisa pretende apreender. Na perspectiva teórica adotada, a festa é entendida como um dos aspectos constitutivos da cidade, juntamente com o trabalho produtivo e as *obras* no sentido lefebvriano<sup>5</sup> (Lefebvre, 2008b [1966], p. 128). Desse modo, a cidade considerada como *obra*, e não como *produto*, vai de encontro à importância do seu uso e do seu valor de uso em contraste com a troca e o valor de troca que são enfatizadas pela lógica capitalista.

---

<sup>4</sup> Lefebvre, H. *Le langage et la société*. Paris: Gallimard, 1966. 376 p.

<sup>5</sup> Lefebvre (2008a [1972], p. 81; 2008b [1966], p. 116) considera a cidade como uma criação humana por excelência, cujos tempos e espaços são *apropriados* e metamorfoseados em *obra*.

Figura 5 – *Apropriação* simbólica transgressora da rua, na Avenida dos Andradas em Belo Horizonte, pelo bloco de carnaval de rua “Praia da Estação”.



Fonte: Bernardo, 2013b.

Assim sendo,

O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro). (Lefebvre, 2008b [1966], p. 12)

A festa possui uma dimensão espacial que é facilmente comprovável, pois, apesar de o conhecimento ser capaz de distinguir o tempo e o espaço enquanto categorias de análise, eles são aspectos inseparáveis da realidade e essa ligação se realiza na prática. Logo, para Lefebvre (2006 [1974], p. 366), “As festas demarcam o tempo se realizando no espaço. Elas têm seus ‘objetos’ fictícios (místicos) e reais (práticos) que [...] se ocultam para reaparecer”. Em sua temporalidade efêmera e extracotidiana, a festa transcende as necessidades imediatas e o produtivismo, permitindo a liberação dos excessos, dos prazeres e do sombrio que faz parte da essência “ser humano”.

Figura 6 – *Apropriação* simbólica de caráter satírico da Praça da Estação, em Belo Horizonte, na primeira ocupação do movimento “Praia da Estação”.



Fonte: Overmundo Blog, 2010.

Ao longo da História, a cidade como *obra* foi sendo substituída pela cidade enquanto *produto* – e o mesmo foi acontecendo por todo *espaço* e sua produção – fato que pode também ser observado no uso da cidade pela festa<sup>6</sup>, cujo acontecimento, antes impregnado de simbolismos e significações, foi sendo invadido por signos vazios, espetacularizados, massificados e destinados ao consumo<sup>7</sup>. Atualmente, a festa tornou-se, em muitos casos, um *produto* dominado pela lógica da troca. Assim, seu espaço passou a ser não apenas um lugar de consumo, mas também o próprio espaço da festa passou a ser consumido. Entretanto, ainda hoje existem festas e manifestações culturais que mantêm o caráter de uma prática sócio-espacial que se apropria do espaço-tempo através do seu uso, daquilo que é *vivido* pelo homem no decorrer da sua existência. Em pleno século XXI, os blocos de carnaval de rua da capital mineira mantêm essas características tradicionais da festa. Eles surgiram por iniciativa da própria população visando ao uso lúdico e criativo das ruas e praças da cidade e permanecem atuantes pelo engajamento dos seus integrantes, aquém, além e, muitas vezes, contra o apoio das esferas dominantes, políticas e econômicas.

---

<sup>6</sup> Cf. Souza, 2010.

<sup>7</sup> Cf. Debord, 1997.

Figura 7 – *Apropriação* simbólica de um viaduto “deserto” no feriado carnavalesco, no Bairro Lagoinha em Belo Horizonte, pelo bloco de carnaval de rua “Tico Tico Serra Copo”.



Fonte: Rajão, 2012.

Apesar sempre terem existido blocos de carnaval de rua em Belo Horizonte, desde os tempos de sua fundação no final do século XIX, esse tipo de manifestação carnavalesca foi perdendo dimensão e importância a partir dos anos de 1940. Desde então, Belo Horizonte deixou de ser reconhecida pelo seu carnaval e era famosa pelo sossego que pairava em suas ruas no feriado momesco. Isso acontecia porque parte considerável da população deixava a cidade procurando destinos carnavalescos mais animados ou fugiam do ambiente urbano em busca de lugares mais próximos à natureza. Contudo, a partir dos anos 2000, novos fatos contribuíram para a inflexão dessa tendência: surgiram alguns blocos no período de pré-carnaval que, ao longo dos anos, passaram a atrair um número cada vez maior de foliões, demonstrando que os belorizontinos estavam outra vez entusiasmados com a possibilidade de se apropriarem da cidade através da festa. Esse movimento foi se ampliando até que, a partir de 2009, novos blocos foram criados e passaram a brincar pelas ruas durante o próprio feriado momesco. A cada carnaval, novos blocos iam sendo criados, inspirados e incentivados pelo seu sucesso dos anteriores. Permanecer na capital mineira para brincar o carnaval passou a ser uma escolha interessante para os seus habitantes e, ao mesmo tempo, sua incipiente fama começou a seduzir moradores de outras cidades, culminando, em 2014, no maior carnaval da

história da capital mineira com mais de um milhão de foliões ocupando as ruas (Belo Horizonte, 2014b).

Figura 8 – “Blocomum” criado pelo “Espaço Comum Luiz Estrela”, centro cultural autogestionado que ocupa um casarão público antes abandonado, no pré-carnaval de 2014, em Belo Horizonte.



*O BLOCOMUM ★ é um bloco de carnaval puxado pelo Espaço Comum Luiz Estrela, centro cultural aberto e autogestionado que agrega diversas manifestações artísticas e políticas fazendo da cultura um elo comum entre pessoas e movimentos. O espaço, que funciona em um casarão abandonado há quase 20 anos, é fruto de uma ocupação que aconteceu no dia 26 de outubro de 2013 por um grupo de militantes e artistas. Após dois meses de resistência e negociação, o casarão agora está sobre a posse desses manifestantes que o ocuparam. Para que o espaço possa funcionar como centro cultural, o casarão precisa do seu apoio para ser revitalizado.*

Fonte: Espaço Comum Luiz Estrela, 2014.

No entanto, por detrás do descomprometimento sugerido pela alegria, brincadeiras e excessos do carnaval, expressões diversas da vontade de se entregar aos desejos do corpo e da carne antes de enfrentar o período de privações e sacrifícios da Quaresma católica, essa diversidade de estandartes, fantasias e brincadeiras do carnaval esconde também uma variedade de intenções e bandeiras, inclusive políticas, que repercutem em outras esferas da

vida cotidiana na cidade contemporânea. Assim, é importante destacar que, no contexto belorizontino, os blocos organizam-se não apenas para realizar a performance festiva durante o feriado carnavalesco, mas também se mobilizam em vários outros períodos do ano em prol de bandeiras políticas ligadas a reivindicações espaciais na cidade, como, por exemplo, a *apropriação* dos espaços públicos (blocos “Praia da Estação” - *Figura 1, Figura 2, Figura 5 e Figura 5* - e “Tico Tico Serra Copo” - *Figura 4 e Figura 7*), os movimentos populares por moradia (blocos “Filhos de Tcha Tcha” - *Figura 3* - e “Tico Tico Serra Copo” - *Figura 4 e Figura 7*), os espaços de produção de cultura autônoma e salvaguarda do patrimônio histórico e artístico (bloco “Blocomun” - *Figura 7*) e o transporte público como direito social (bloco “Bloco Pula Catraca! - Associação Carnavalesca Antitarifária” - *Figura 10, Figura 11 e Figura 9*).

Figura 9 – Itinerário do ônibus gratuito organizado pelo movimento “Tarifa Zero BH”.



*Salve, salve, carnavalescas e carnavalescos antitarifários!*

*O Carnaval sem Catracas já vai começar e para todos os foliões de Bellô se deslocarem livremente no balaio mais charmoso da cidade, divulgamos o itinerário do nosso ônibus sem catraca, que vai rodar nos 4 dias de Carnaval, de acordo com o mapinha abaixo! Compartilhem!*

Fonte: Tarifa Zero BH, 2014a.

Figura 10 – “Bloco Pula Catraca! - Associação Carnavalesca Antitarifária” e ônibus do “Tarifa Zero BH” no carnaval de 2014, em Belo Horizonte.



Fonte: Tarifa Zero BH, 2014b.

Figura 11 – Dois ônibus gratuitos foram disponibilizados pelo movimento “Tarifa Zero BH” durante o feriado carnavalesco de 2014, em Belo Horizonte.



Fonte: Ninja Mídia, 2014.

### Considerações finais

O presente artigo foi baseado nos resultados preliminares de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento que está sendo realizada no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. A partir do panorama geral exposto anteriormente, os objetivos gerais da pesquisa do mestrado são (i) entender a explosão do carnaval em um intervalo tão curto de tempo através da pesquisa dos blocos de rua que surgiram em Belo Horizonte, principalmente, no período de 2009 a 2014; (ii) compreender a relação desse fenômeno com o espaço da cidade, em seus diferentes aspectos e contextos sociais; (iii) buscar apreender os conflitos e potencialidades decorrentes da prática sócio-espacial de *apropriação* das ruas e praças, vielas e becos da cidade; (iv) analisar a ligação dos blocos de carnaval com as bandeiras políticas e movimentos sociais que reivindicam questões de cunho espacial e (v) como tudo isso pode informar e transformar a prática espacial dominante – aquela do Estado e dos planejadores – constituem-se objetivos específicos que serão desenvolvidos ao longo desse trabalho.

Em uma perspectiva que considera o campo de conhecimento da Arquitetura e do Urbanismo como uma ciência social aplicada, essa pesquisa pretende recorrer a referências epistemológicas e metodológicas próprias das ciências sociais, como a sociologia e a antropologia, a fim de trazer novas possibilidades de abordagem para o estudo do espaço, do urbano e das cidades. Essa proposta não significa desconsiderar a importância da dimensão espacial e relegar a bibliografia sobre esse assunto a um segundo plano, mas experimentar, teórica e empiricamente, o conflito dialético entre as ciências parcelares dedicadas à análise do espaço e aquelas dedicadas ao estudo do homem social e das sociedades. Esse desafio está se mostrando profícuo ao longo do desenvolvimento do trabalho e contribuiu sobremaneira não apenas para a definição do objeto de pesquisa como também nos métodos que foram utilizados na etapa da pesquisa empírica. Pretende-se que os resultados e a análise dos dados empíricos e as conclusões que serão obtidas a partir daí sejam publicados no momento oportuno, de maneira que possam ser considerado como um complemento em relação ao presente artigo.

Nesse sentido, é salientar a importância da busca contínua pela ruptura e pela superação na construção do conhecimento, em quaisquer campos da ciência, tomando como



premissa o pensamento de Gaston Bachelard<sup>8</sup> no campo filosofia do conhecimento e teoria da ciência.

É necessário situar explicitamente o pensamento de Bachelard [...] para percebermos a significação sintética da filosofia do não, que integra e supera o saber da reflexão anterior, constituindo a epistemologia como reflexão sobre a ciência em vias de se fazer. Colocando-se no centro epistemológico das oscilações, características de todo o pensamento científico, entre o poder de retificação próprio da experiência e o poder da ruptura e criação peculiar à razão, Bachelard pode definir como racionalismo aplicado e materialismo racional a filosofia que se atualiza na “ação incessante da Razão”. Essa epistemologia não só recusa o formalismo e o fixismo de uma Razão una e indivisível, [...] mas também, apresentando como axioma primeiro o “primado teórico do erro”, define o progresso do conhecimento como retificação incessante [...]. (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2007 [1968], p. 101)

Portanto, mesmo considerando absolutamente fundamentais as pesquisas sobre o espaço construído e sua produção, sobre as formas de intervenção e planejamento do espaço urbano, sobre as prementes questões de moradia e os movimentos sociais que a reivindicam, sobre os conflitos entre as questões ambientais e urbanas, a hipótese central dessa pesquisa acredita que compreender as relações simbólicas – culturais, religiosas – relacionadas ao espaço e práticas sócio-espaciais que acontecem no hoje, para além dos estudos de história, memória e patrimônio das cidades, são também essenciais se quisermos apreender toda a magnitude da vida urbana – e mesmo humana – e prospectar possibilidades de mudança em prol de uma sociedade socialmente mais justa e espacialmente menos segregadas.

---

<sup>8</sup> Gaston Bachelard: filósofo, ensaísta e poeta francês, cujo trabalho representou uma importante contribuição para o campo da filosofia da ciência.

### Referências Bibliográficas

Abrahão, S. L. 2008. *Espaço público: do urbano ao político*. São Paulo, Annablume; Fapesp.

Belo Horizonte. 2014. O maior carnaval da história da BH, *Diário Oficial do Município, Belo Horizonte, MG*, 28 fev. 2014b. ano 20. ed. 4509. Disponível: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1116938>. [Acessado 28 fevereiro 2014].

Bourdieu, P., Chamboredon, J. & Passeron, J. 2007 [1968]. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*, traduzido por Teixeira, G. J. F. 6th ed., Petrópolis, Vozes.

Debord, G. 1997. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*, traduzido por Abreu, E. S., Rio de Janeiro, Contraponto.

Enciclopédia Itaú Cultural. [2013?]. *Carlos Nelson Ferreira dos Santos*. Disponível: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa446137/carlos-nelson-ferreira-dos-santos#>. [Acessado 03 dezembro 2014].

França, I. “Um doce radical”, *Continente online* [Online], 02 setembro 2013. Disponível: <http://www.revistacontinente.com.br/index.php/component/content/article/483-leitura/8349-um-doce-radical.html>. [Acessado 30 novembro 2014].

Lefebvre, H. 1999 [1970]. *A revolução urbana*, traduzido por Martins, S., Belo Horizonte, Editora UFMG.

\_\_\_\_\_. 2006 [1974]. *A produção do espaço*, traduzido por Pereira, D. B. & Martins, S., Belo Horizonte, Não publicado.

\_\_\_\_\_. 2008a [1972]. *Espaço e política*, traduzido por Andrade, M. M. & Martins, S., Belo Horizonte, Editora UFMG.

\_\_\_\_\_. 2008b [1966]. *O Direito à cidade*, 5th ed., traduzido por Frias, R. E., São Paulo, Centauro.

Sant'Anna, M. 2014. Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro, in Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. *Arquitetura Popular: Espaços e Saberes*. Disponível: <http://www.arqpop.arq.ufba.br/node/164>. [Acessado 03 dezembro 2014].

Santos, C. N. F. 1980. Quando e como o arquiteto vira antropólogo?, in Velho, G. (orgs.), *O Desafio da cidade: Novas perspectivas da antropologia brasileira*, Rio de Janeiro, Campus, pp. 37-57.

\_\_\_\_\_ (org.). 1985 [1981]. *Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*, 3th ed. rev. e atual., São Paulo, IBAM/FINEP; Projeto.

Schimd, C. 2012. A Teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional, traduzido por Marques, M. I. M. & Barreto, M., *GEOUSP – espaço e tempo*, No. 32, pp. 89-109.

Souza, M. L. S. 2013. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

Souza, M. F S. 2010. *A festa e a cidade: experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano*, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Villaça, Í. [20-?]. Brasil, 1980: Publicado o livro "Quando a Rua vira Casa", coordenado por Carlos Nelson F. dos Santos, in Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, *Cronologia do Pensamento Urbanístico*. Disponível: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1412>>. [Acessado 03 dezembro 2014].

### Referências fotos

Bernardo, P. *Praia da Estação. Praça da Estação - BH 16.02.2013*. 2013a. Disponível: <https://www.flickr.com/photos/indiebh/8507844495/>. [Acessado 28 agosto 2013].

Bernardo, P. *Praia da Estação. Praça da Estação - BH 16.02.2013*. 2013b. Disponível: <https://www.flickr.com/photos/indiebh/8508916266/>. [Acessado 28 agosto 2013].

Espaço Comum Luiz Estrela. *BLOCOMUM* ★. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/607724429302966/permalink/607762829299126/>. [Acessado 06 dezembro 2014].

Leite, F. *Tico Tico na Vila Dias | 2013: fotos álbuns*. 2013. Disponível: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.652224684844965.1073741830.651617994905634&type=3>. [Acessado 16 novembro 2014].

Jorge, J. *Bloco Filhos de Tcha Tcha chega à Ocupação Rosa Leão*. 2014. In: Deputado Estadual Rogério Correa website. Disponível: <http://www.rogeriocorreia.com.br/noticia/belo-horizonte-foge-do-pao-e-circo-e-celebra-o-carnaval-tambem-com-politica/>. [Acessado 21 novembro 2014].

Ninja Mídia/notícias/publicidade. *Busão Tarifa Zero | Belo Horizonte: fotos álbuns*. 2014. Disponível: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.282157418609077.1073741886.164188247072662&type=1>. [Acessado 21 novembro 2014].

Overmundo Blog. *Primeira praia da estação*. 2010. Disponível: <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-retomada-das-ruas>. [Acessado 16 novembro 2014].

Rajão, F. *ticotico\_serracopo / carnaval\_2012: fotos álbuns*. 2012. Disponível: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2810610704275&set=a.2810443220088.2116651.1228977842&type=3&theater>. [Acessado 22 novembro 2014].

Rajão, F. *praia da estação [3 anos]: fotos álbuns*. 2013. Disponível: [https://www.facebook.com/flora.rajao/media\\_set?set=a.4363517565976.2144767.1228977842&type=3](https://www.facebook.com/flora.rajao/media_set?set=a.4363517565976.2144767.1228977842&type=3) . [Acessado 16 novembro 2014].

Tarifa Zero BH Comunidade. *Fotos*. 2014a. Disponível: <https://www.facebook.com/tarifazerobh/photos/pb.582305668498014.-2207520000.1417824845./679297642132149/?type=3&theater>. [Acessado 14 novembro 2014].

Tarifa Zero BH. *BUSONA TARIFA ZERO: fotos álbuns*. 2014b. Disponível: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.679704162091497.1073741844.582305668498014&type=3>. [Acessado 21 novembro 2014].